

**POVO QUE CANTA** — A RTP, convidando Michel Giacometti a dirigir os estudos e as reportagens sobre o nosso folclore, fez uma valiosa aquisição para os seus quadros culturais. Bastou ter abandonado o folclore convencional para essa decisão merecer os melhores aplausos. Agora, a abordagem do folclore obedece a uma perspectiva mais desenvolvida, de maior penetração nas profundezas da «folk-life».

Propõe Michel Giacometti um estudo ambivalente, ao mesmo tempo vertical e horizontal, continuação dos seus trabalhos iniciados desde a sua chegada ao nosso País há aproximadamente quinze anos. Nas primeiras pesquisas, Michel Giacometti utilizou o gravador e a máquina fotográfica. Muitas das suas colheitas, obtidas nessa ocasião, tiveram posteriormente uma análise musical feita por Lopes Graça, sendo algumas vertidas em disco.

Desta vez, Michel Giacometti não teve a completar o seu trabalho as notas explicativas da nossa maior autoridade em música popular. Apesar disso, a sua abordagem à região de Vila Verde de Ficalho, empenhada nos aspectos mais vitais da «folk-life», não deixou de constituir um valioso testemunho etnográfico, um documento digno de iniciar um acervo que, decerto, irá continuar a receber subsídios íntegros.

Como estreia, a equipa dirigida por Michel Giacometti e da qual fazem parte Francisco d'Orey, Manuel Sousa Veloso e Alfredo Tropa (este como realizador) deu uma lição a todos os que anteriormente tentaram abordar o nosso folclore. Pena é que os mais familiarizados com os processos televisivos, mais do que M. Giacometti, não tivessem tomado certas precauções contra aquelas pechas em que a televisão é useira e vezeira. Por exemplo: uma espécie de genérico muito extenso, discurso de abertura com música simultânea alheia ao assunto escolhido, numa denúncia de pretensão ao cinema que não há, e ainda bem, e que todos querem à força instaurar. Pensem na diferença das sequências de António de Campos, absolutamente despojadas de ademanos artísticos. Talvez fosse possível (porque não?) conjugar a experiência de M. Giacometti como captador de documentos sonoros com a de António de Campos como captador de imagens concretas.

O preâmbulo de M. Giacometti, a par das redundâncias musicais, também esteve longe de o representar fielmente como infatigável estudioso do

folclore. Bem sei que a nossa língua é uma barreira intransponível para todos os estrangeiros radicados em Portugal. Por mais que façam, são sempre imprecisos na escrita. Nem sequer como intervenção linguística vale qualquer coisa, como tem acontecido em países de intensa imigração. Verbalmente, têm sempre a desvantagem de não se fazerem entender. A articulação, a pronúncia, a semântica dão-lhes aquele ar de palhaços, actuando no circo.

A sua entrevista com o trabalhador António da Assunção foi por isso insignificante e teria sido cómica se não estivéssemos perante a autenticidade da existência rural.

Voltando ao preâmbulo, não vale a pena dizer que a música no trabalho é de origem muito remota. O antigo Egipto mencionado a título de exemplo, não é moderno de mais? Se pensarmos que a origem da linguagem humana remonta a vários milhões de anos e os nossos possíveis ancestrais usavam um sistema de vozes como a dos animais, nada mais natural do que a música de trabalho remontar a qualquer idade em que o homem se lançou ao trabalho.

Estas infantilidades não eram de esperar em M. Giacometti, que embora não tendo experiência de televisão, pois só agora ao fim de tanto tempo foi angariado para os quadros da RTP, tem, indubitavelmente, larga experiência em etnologia.

Referir a antiguidade de um costume de origem tão longínqua, como o da música no trabalho, nada acrescenta ao conhecimento histórico geral. Se fosse possível dissecar a monodia do lavrador e encontrar a pista para uma aproximação da sua ancestralidade musical, seria outra coisa. Mas isso pertence à musicologia. Estas pequenas manchas não alteram, essencialmente, a rubrica que em boa hora a RTP depositou confiante nas mãos de M. Giacometti. E, ao mesmo tempo, um prémio da sua perseverança e da sua confiança no País que ele trocou pelo seu, como campo da sua actuação.

**CANAL-13** — *Só merece a pena fazer referência à intervenção de Eurico da Fonseca, especialista em astronáutica, que, num discurso sucinto e fluente, explicitou, com a clareza que o conhecimento de causa permite, as implicações inerentes à exploração espacial. Eurico da Fonseca sossegou os ânimos mais inquietos sobre o dispêndio astronómico que estas viagens pelo espaço acarretam. Comparadas com outros desgastes financeiros, a guerra no Vietnam, por exemplo, onde num ano se gasta o mesmo que em catorze anos de experiências espaciais, as da N. A. S. A. têm um peso relativo no or-*

e da qual fazem parte Francisco d'Orey, Manuel Sousa Veloso e Alfredo Tropa (este como realizador) deu uma lição a todos os que anteriormente tentaram abordar o nosso folclore. Pena é que os mais familiarizados com os processos televisivos, mais do que M. Giacometti, não tivessem tomado certas precauções contra aquelas pechas em que a televisão é useira e vezeira. Por exemplo: uma espécie de genérico muito extenso, discurso de abertura com música simultânea alheia ao assunto escolhido, numa denúncia de pretensão ao cinema que não há, e ainda bem, e que todos querem à força instaurar. Pensem na diferença das sequências de António de Campos, absolutamente despojadas de adames artísticos. Talvez fosse possível (porque não?) conjugar a experiência de M. Giacometti como captador de documentos sonoros com a de António de Campos como captador de imagens concretas.

O preâmbulo de M. Giacometti, a par das redundâncias musicais, também esteve longe de o representar fielmente como inafatigável estudioso do

costume de origem tão longínqua, como o da música no trabalho, nada acrescenta ao conhecimento histórico geral. Se fosse possível dissecar a monodia do lavrador e encontrar a pista para uma aproximação da sua ancestralidade musical, seria outra coisa. Mas isso pertence à musicologia. Estas pequenas manchas não alteram, essencialmente, a rubrica que em boa hora a RTP depositou confiante nas mãos de M. Giacometti. É, ao mesmo tempo, um prémio da sua perseverança e da sua confiança no País que ele trocou pelo seu, como campo da sua actuação.

*CANAL-13 — Só merece a pena fazer referência à intervenção de Eurico da Fonseca, especialista em astronáutica, que, num discurso sucinto e fluente, explicitou, com a clareza que o conhecimento de causa permite, as implicações inerentes à exploração espacial. Eurico da Fonseca sossegou os ânimos mais inquietos sobre o dispêndio astronómico que estas viagens pelo espaço acarretam. Comparadas com outros desgastes financeiros, a guerra no Vietnam, por exemplo, onde num ano se gasta o mesmo que em catorze anos de experiências espaciais, as da N. A. S. A. têm um peso relativo no orçamento americano. Os erros de perspectiva a respeito das despesas espaciais são produto dos sistemas de contabilidade.*

*Mas, quando se entra no espírito do dinheiro, como diz Ramuz na História do Soldado, que sabemos nós, para quem a moeda corrente é ainda fortemente concreta, em matéria de cifras quase abstractas? E não é o dinheiro da N. A. S. A. que falta noutros lados. Foi o que explicou Eurico da Fonseca, claramente; e até, para quem o seguisse com atenção, nas entrelinhas, disse mais coisas, sem insinuar, apenas no contexto.*

*Do resto do Canal-13, nem o espaço, nem o desejo permitem falar mais.*

MANUEL DE LIMA